



Mestrado em Educação
Revista Profissão Docente

UNIUBE – Universidade de Uberaba

ISSN:1519-0919

www.uniube.br/propep/mestrado/revista/



UNIUBE
Educação e Responsabilidade Social

CONHECENDO AS FAMÍLIAS DAS CRIANÇAS DE CRECHES DO TRIÂNGULO MINEIRO

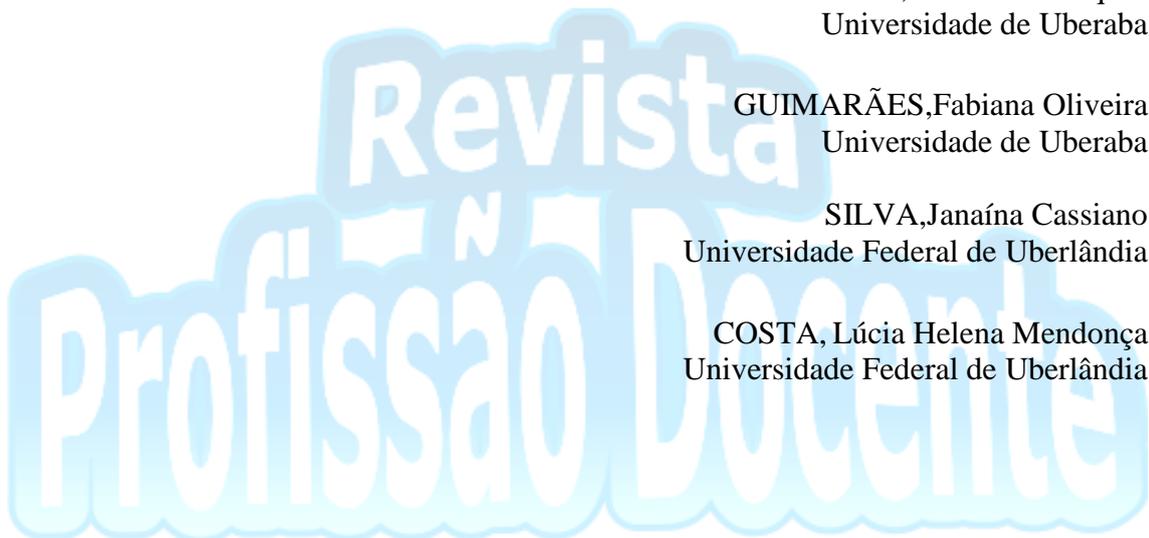
TOMÁ, Débora Nogueira
Universidade de Uberaba

MAIMONE, Eulália Henriques
Universidade de Uberaba

GUIMARÃES, Fabiana Oliveira
Universidade de Uberaba

SILVA, Janaína Cassiano
Universidade Federal de Uberlândia

COSTA, Lúcia Helena Mendonça
Universidade Federal de Uberlândia





Mestrado em Educação
Revista Profissão Docente

UNIUBE – Universidade de Uberaba

ISSN:1519-0919

www.uniube.br/propep/mestrado/revista/



UNIUBE
Educação e Responsabilidade Social

RESUMO

Este estudo objetivou identificar e contextualizar as necessidades dos pais, quanto ao nível sócio-econômico e a composição familiar, bem como suas concepções, em relação à Educação Infantil e ao brincar e como se processa o seu relacionamento com a creche. A pesquisa foi realizada em duas creches, uma da cidade de Uberlândia e outra de Uberaba. Constou de duas etapas: (1^a) entrevista semiestruturada com uma amostra de pais de crianças de 3 a 5 anos. (2^a) realização de reuniões na creche, com pais e professores, visando à estruturação de ações em parceria. Esse artigo refere-se aos resultados da primeira etapa, que foram obtidos por meio de 55 entrevistas, cuja análise revelou a dificuldade dos pais em definir seus papéis na formação da criança e na melhoria da qualidade do ensino na creche, bem como a necessidade de formação dos professores para lidarem com as famílias das crianças.

Palavras-Chave: qualidade na educação infantil, parceria família-creche, formação de pais e de professores.

RESUMEN

Este estudio tiene como objetivo identificar y contextualizar las necesidades de los padres, en relación al nivel socioeconómico; la composición familiar; concepciones sobre la Educación Infantil, el juego y su relación con la guardería. La investigación fue realizada en dos guarderías, una en la ciudad de Uberlândia y la otra en la ciudad de Uberaba. Fue dividida en dos etapas: 1. Entrevista semi-estructurada a 55 padres de niños de 3 a 5 años de edad y 2. Reuniones con padres y profesores, buscando la estructuración de acciones conjuntas. Este artículo presenta los resultados de la primera etapa, cuyo análisis reveló la dificultad que los padres tienen en relación a sus papeles y su participación en la guardería, así como la necesidad de formación de los profesores para trabajar con las familias de las niñas pequeñas.

Palabras claves: calidad de la Educación Infantil, relación familia-guardería, formación de padres y profesores.



Mestrado em Educação
Revista Profissão Docente

UNIUBE – Universidade de Uberaba
ISSN:1519-0919

www.uniube.br/propep/mestrado/revista/



UNIUBE
Educação e Responsabilidade Social

A principal referência na organização efetiva de escolas de caráter específico para crianças são os estudos de Comênio, no século XVII. Em seus trabalhos, a educação era considerada a salvação e a felicidade eternas, baseadas em um saber, que compreende o conhecimento de fatores como as artes, as línguas, a virtude e os bons costumes. No Brasil, nos últimos 40 anos houve uma significativa mudança de enfoque nas perspectivas a respeito da Educação, em especial da Educação Infantil, em virtude do crescente reconhecimento da existência de uma relação íntima entre o Ensino Fundamental e Educação Infantil. A respeito desta questão, Kuhlmann Júnior (1998) afirma que o pano de fundo desse reconhecimento refere-se às profundas transformações pelas quais tem passado a sociedade brasileira, nos últimos anos. Essa modernização trouxe avanços e também conseqüências desfavoráveis à classe trabalhadora, que se submete a uma degradação das condições de vida, implementadas por uma redução na oferta de emprego. Além disso, é cada vez maior a distância entre os locais de trabalho e moradia, dificultando para os pais a tarefa de educar seus filhos.

Paralelamente a isso, verificou-se que a educação poder-se-ia constituir em um dos fatores essenciais, para a superação ou redução das dificuldades e transtornos de crianças que cresceram em condições bastante adversas ao seu bem-estar e desenvolvimento normal (MARTURANO, 1997).

A Educação Infantil integra a Educação Básica junto com o Ensino Fundamental e Médio. No Brasil, seus princípios são assegurados pela Lei 9394/96, que estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. No que se refere à Educação, ficou determinado que ela é um direito da criança de zero a seis anos e um dever do Estado, que se efetiva mediante atendimento em creches e pré-escolas (Art.4º, IV); o atendimento sempre que oferecido pelo Estado é gratuito, independentemente da condição social daquele que o procurar; a Educação Infantil está submetida a “padrões mínimos de qualidade de ensino”, que se operacionalizam, “por variedade e quantidade



Mestrado em Educação
Revista Profissão Docente

UNIUBE – Universidade de Uberaba
ISSN:1519-0919

www.uniube.br/propep/mestrado/revista/



UNIUBE
Educação e Responsabilidade Social

mínimas, por aluno, de insumos indispensáveis para o desenvolvimento do processo ensino-aprendizagem”(Art 4º, IX); o poder público contemplará o acesso à Educação Infantil conforme as prioridades legais e constitucionais(Art 5º, § 2º). Cabe ressaltar que a LDBEN em seu artigo 1º, § 1º disciplina que a educação escolar se desenvolve predominantemente, por meio do ensino, em instituições próprias. Neste sentido, Faria e Palhares (1999) afirmam que o termo predominantemente pode dar ensejo à compreensão de que a Educação Infantil não tem caráter escolar. Porém, a inserção da Educação Infantil numa Lei, que regulamenta a estrutura e o funcionamento dos sistemas de ensino, significa que ela se configura como componente de um sistema de ensino; e ainda, que o processo educativo que lhe é próprio ocorra em instituição regular, de caráter escolar, o qual deve ser objeto de fiscalização e submissão aos órgãos superiores (MEC, Secretarias Estaduais e/ou Municipais, Conselhos de Educação).

Por outro lado, Silva (2003, p. 23), referindo-se ao professor desse nível de ensino, destaca:

Cada vez mais, a integração da educação infantil aos sistemas de ensino exige que tratemos esse profissional como um profissional da educação, aproximando-o de seus pares, que já possuem referências profissionais constituídas, um estatuto e uma carreira próprios. Ao mesmo tempo, não podemos prescindir de uma análise que realize essa aproximação, contemplando as especificidades da educação infantil, em relação às demais etapas da educação básica.

Outra consideração importante diz respeito a uma tensão entre a legislação e a política educacional, enquanto a primeira determina que a creche seja parte integrante do sistema escolar, a segunda a define como uma instituição educativa sem caráter escolar (Nascimento, 1999). No entanto, a LDBEN afirma o caráter escolar da creche, os documentos produzidos em órgãos de planejamento e a execução da política educacional salientam que é no binômio educar e cuidar que devem estar centradas as funções complementares e indissociáveis dessa instituição. Os avanços na legislação, representados pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional e pelo Referencial



Curricular Nacional para a Educação Infantil (1998) demonstram um maior desenvolvimento da Educação Infantil. Porém, o Referencial Curricular, composto por um conjunto de referências e orientações pedagógicas, que objetivam contribuir com a implantação ou implementação de práticas educativas tem sido bastante questionado, uma vez que a dicotomia existente entre educação e assistência já deveria ter sido superada (Kuhlmann Júnior, 1998). Atualmente no Brasil, a Educação Infantil é reconhecida tanto nos documentos oficiais, quanto na sociedade, como necessária à formação da criança. Sabe-se que esse reconhecimento é fruto de conquistas em âmbitos diversos, da conjugação dos esforços de diferentes instâncias, tais como: movimentos sociais organizados, práticas inovadoras de professores, produção do conhecimento acadêmico e políticas públicas.

Na sociedade brasileira, como resultado das transformações econômicas e ideológicas, tem aumentado muito a demanda por creche em todas as classes sociais.

AS CRECHES NO CONTEXTO ATUAL

A creche oscila entre as funções e significados da família e da escola. Por isso, esta tem sido muitas vezes confundida como uma instituição destinada a suprir as dificuldades em que a família tem de desempenhar sua função. Na verdade, a creche deveria ser um espaço alternativo e complementar à família, mas o que se verifica é que há uma dificuldade em alcançar essa dimensão educativa (Merisse, 1997).

A história das instituições pré-escolares, entendidas aqui como englobando as creches, segundo Kuhlmann Júnior (1998), não é uma sucessão de fatores que se somam e sim a interação, ao longo das influências, dos tempos, nos quais o período de elaboração da proposta educacional assistencialista se integra aos outros tempos da história humana. Este autor destaca que estas instituições foram desenvolvidas a partir da segunda metade do século XIX, tendo como parte um conjunto de medidas que



Mestrado em Educação
Revista Profissão Docente

UNIUBE – Universidade de Uberaba

ISSN:1519-0919

www.uniube.br/propep/mestrado/revista/



UNIUBE
Educação e Responsabilidade Social

conformam uma nova concepção assistencial.

Segundo Lordelo (2002), podem-se considerar vários tipos de creche. As creches públicas têm como características um grande número de crianças por instituição, o ingresso precoce da criança, a permanência durante todo o dia, organização rígida dos grupos por idade. As rotinas diárias são marcadas pelos grandes horários dedicados à higiene, alimentação e sono entremeados por atividades livres e ou pedagógicas, que ocorrem em curtos períodos. Em contrapartida, nas creches privadas, a opção por apenas um turno é mais freqüente e a criança ingressa na creche mais tarde. As instituições e os grupos de crianças são pequenos. As rotinas são menos flexíveis e os pais podem requerer cardápios especiais para seus filhos. As crianças têm maior liberdade para escolher o desenvolvimento das atividades; o período que se dedica à higiene e alimentação é mais curto e as atividades pedagógicas oferecidas são mais variadas. Existem ainda outras formas de organização, tais como: creche filantrópica, creche de organizações não governamentais, de associações religiosas e creches comunitárias.

Em países desenvolvidos, os trabalhadores de creche devem ter uma sólida formação profissional e um processo contínuo de treinamento (Ghedini, 1994).

No norte da Itália, o sistema municipal para educação de infância é baseado no modelo de Reggio Emilia, segundo Formosinho et al. (1996). Este se caracteriza pelo trabalho educacional em todas as formas de expressão simbólica, pelo desenvolvimento dos pais, família e comunidade na equipe educativa das creches e jardins da infância. Nesse modelo, o adulto está presente, apoiando as dinâmicas cognitivas e sociais que ocorrem a todo o momento e cabe ao educador organizar um ambiente rico e estimulante em materiais e equipamentos, os quais proporcionarão à criança uma diversidade de experiências e atenderão as necessidades e interesses individuais e coletivos. Além disso, os educadores também estão preocupados com que os pais



Mestrado em Educação
Revista Profissão Docente

UNIUBE – Universidade de Uberaba

ISSN:1519-0919

www.uniube.br/propep/mestrado/revista/



UNIUBE
Educação e Responsabilidade Social

conheçam os projetos nos quais os filhos estão trabalhando, tentando assim, envolvê-los de forma ativa, pois trabalhando e refletindo em conjunto, os educadores sentem-se mais motivados e atingem níveis mais altos de profissionalismo.

A escola da infância, para Zabalza (1998), deve praticar um modelo experimental, contendo três objetivos educativos. O primeiro exige que os itinerários formativos levem em consideração os diversos aspectos que interagem na situação, podendo ser estes: culturais, sociais, econômico, entre outros. O segundo propõe um nível de educação aberto para a relação com a família, tendo em vista as necessidades da criança. Por fim, o terceiro considera que o ensino de crianças pequenas possa contar com um itinerário-curricular, que contenha um protocolo próprio da natureza formativa e de orientações pragmáticas, constituindo uma espécie de filosofia, em relação aos grandes desafios formativos. Entre as dimensões da qualidade na Educação Infantil enfatizadas por esse autor, está a relação família-escola.

Outro aspecto enfatizado por pesquisadores (FORMOSINHO, 1996; KISHIMOTO, 2006) em seus estudos sobre a qualidade na Educação Infantil, refere-se ao brincar. Para Leontiev (1998), o brincar é a atividade principal da criança pequena, sem a qual ela não se desenvolve.

Chamamos de atividade principal aquela em conexão com a qual ocorrem as mais importantes mudanças no desenvolvimento psíquico da criança e dentro da qual se desenvolvem processos psíquicos, que preparam o caminho da transição da criança para um novo e mais elevado nível de desenvolvimento. (LEONTIEV, 1998, p.122).

Ao propor a sua teoria da atividade, o autor mostra características dessa atividade, tais como a quantidade de tempo que o indivíduo investe nela e os sentimentos e emoções presentes, enquanto a pratica. Mostra também o aspecto cultural do brincar, quando a criança, brincando, apropria-se das práticas sociais do mundo adulto, como pode ser observado no brincar de casinha ou de ser professora. Nesta pesquisa, buscou-se conhecer como os pais percebem o brincar infantil.

RPD – Revista Profissão Docente, Uberaba, v.7, n. 16, p 62--90, ago/dez. 2007 – ISSN 1519-0919



DINÂMICA DA RELAÇÃO FAMILIAR E SUA INTER-RELAÇÃO COM A ESCOLA

Até o século XVII, as crianças eram vistas como reduzidas a miniaturas dos adultos, negando-se a elas a morfologia própria da idade. A criança só passou a ser considerada como um ser humano criança, no início do século XVIII, quando as artes e iconografia tornaram suas representações mais significativas e numerosas. Ariés (1978), historiando sobre a família burguesa ocidental, refere-se a que ninguém pensava em conservar o retrato de uma criança que tivesse sobrevivido e se tornada adulta ou que tivesse morrido pequena. No primeiro caso, a infância era uma fase sem importância, que não fazia sentido fixar na lembrança e no segundo, o da criança morta, não se considerava que a criança desaparecida tão cedo fosse digna de lembrança.

A passividade, a insignificância da criança no Brasil é uma imposição do modelo social vigente, que trata a criança como preocupação dos adultos e do sistema, no sentido de preparação e recepção dos valores e comportamentos dominantes do ser humano em formação. Segundo Redin (1998) a criança é considerada pela sociedade como um ser que não ocupa um lugar e, portanto, não há um espaço psicossocial da criança na cultura brasileira. Nesse sentido, Foucault (1972) traz importante contribuição, ao afirmar que a dependência da criança em relação ao adulto é um fato social e não natural. As razões sociais e ideológicas estão na base da desigual distribuição de poder entre adultos e crianças, com evidentes repercussões, no que tange ao controle e à dominação de grupos societários.

Polity (2001) aponta que a instituição familiar é um sistema emocional que está em movimento ao longo dos anos. Esta instituição engloba os relacionamentos, os eventos ligados à evolução natural do grupo, mostrando como reage e enfrenta mudanças. É através desse ciclo vital que o grupo familiar se desloca, segundo padrões relacionais, que influenciam na relação com a aprendizagem e nas expectativas



depositadas nos membros mais novos da família. Pode-se dizer que o deslocamento familiar, ao longo de seu ciclo vital, e o padrão de aprendizagem da família irá criar e recriar histórias sobre os projetos de vida, das carreiras, dos sucessos e dos insucessos.

A família burguesa, até o século XVIII, ocupava um lugar indefinido, em que não havia intimidade entre seus membros, pois estes estavam ligados a uma vida social bastante densa, ou seja, a realidade em que esta vivia era, portanto, mais moral e social, com poucos aspectos sentimentais. Para Redin (1998), a família desempenhava uma função pública, na qual a criança não tinha garantida nenhuma consideração especial. Este autor destaca que a função pública da família era mais importante, uma vez que esta passava a maior parte do tempo nas ruas, praças, festas e grupos religiosos, para garantir à família uma melhor posição social.

Com o surgimento da nova ordem urbana no século XVIII, a família rompe com sua função pública e volta-se para a sua função privada. Os membros da família se aproximam mais e começa a se desenvolver uma atenção mais particularizada sobre a criança e sua educação. Nesse novo contexto, o controle sobre a criança se torna mais efetivo, para que esta, quando sair do contexto da família, esteja apta a se integrar ao controle das instituições do Estado, dentre elas a escola.

Nessa mesma direção, a família, até o final do século XIX e início do XX, segundo Szymanski (2001), organizou-se, adotando o modelo de família nuclear burguesa, a qual se centrava na figura do pai, fechada em sua intimidade e com um determinado padrão de educação para seus filhos.

No final do século XX e início do XXI, algumas mudanças ocorridas na família, deram prioridade ao equilíbrio emocional de seus membros. A ênfase dos estudos para compreender essa nova família recai, portanto, sobre a questão psicológica e educacional.

Com a inserção da mulher no mercado de trabalho, houve necessidade de



Mestrado em Educação
Revista Profissão Docente

UNIUBE – Universidade de Uberaba
ISSN:1519-0919

www.uniube.br/propep/mestrado/revista/



UNIUBE
Educação e Responsabilidade Social

instituições infantis que pudessem cuidar de seus filhos.

Nas últimas décadas, a escola acumulou funções, a partir das demandas da mesma, da família, da sociedade e do próprio entendimento das questões infantis. Frequentar a escola desde os primeiros anos de vida provocou também a necessidade de formação de educadores que cuidassem das necessidades básicas, afetivas e cognitivas, da transmissão de valores sociais, do acompanhamento do convívio em grupo, da transmissão e da produção de um saber na Educação Infantil (Gola, 2001). As famílias muitas vezes delegam todas as atribuições do desenvolvimento e da educação da criança à escola.

O sistema educacional vem sendo constantemente reformulado, tendo em vista acompanhar e incorporar as novas informações e reflexões sobre o desenvolvimento infantil. Nesse sentido, Carvalho (2004) mostra que a política educacional está expandindo seu raio de ação para além da escola, formalizando as interações família-escola, especificando a contribuição educacional da família para o sucesso escolar e regulamentando essas relações. Pesquisas têm também ressaltado a importância da parceria família-escola (Maimoni e Bortone, 2003; Polônia & Dessen, 2005). Segundo revisão bibliográfica feita por Bronfenbrenner (1996), nos estudos sobre contextos de desenvolvimento, informações importantes são omitidas, quanto ao ambiente, que não é especificamente estudado, ou seja, se as pesquisas são feitas em uma instituição de educação infantil, o ambiente do lar não é considerado, embora a criança em desenvolvimento seja a mesma na instituição e na família. O autor defende a necessidade de pesquisas que considerem ambos os contextos: o da família e o da creche.

Por outro lado, Oliveira (2002) argumenta que, atualmente, a aproximação da escola com a família faz com que se repense sobre a especificidade de ambas no desenvolvimento infantil. Este tema é foco de grande discussão, considerando a família



ora como um refúgio da criança, ora como uma ameaça a seu pleno desenvolvimento. Em sua maioria, esses discursos pouco levam em consideração os fatores econômicos e sociais, que presidem a organização familiar, as divisões de tarefas no lar, o tempo de dedicação à criança pelos membros da família. E para trabalhar de modo produtivo no estabelecimento desta aproximação, é importante considerar que a família nuclear típica da cultura burguesa não é, hoje, a única referência existente, já que existem e sempre existiram famílias separadas, monoparentais, uniões informais e de homossexuais. Além disso, devido às condições de trabalho, as famílias são obrigadas a constituir diferentes ambientes para seus membros, os quais estão também em permanente mudança.

Ambas as instituições: família e escola, de acordo com Szymanski (2001), preparam os membros jovens, tanto para a inserção futura na sociedade, como para o desempenho de funções que possibilitem a continuidade da vida social. Gomes (1998) acentua que a escola apresenta uma especificidade: a obrigação de ensinar conteúdos específicos de áreas de saber, sendo estes fundamentais para a instrução de novas gerações.

Na contemporaneidade, estudar a criança e seu desenvolvimento é de interesse crescente. Qualquer tentativa, portanto, que vise identificar e aprimorar o espírito científico deve ser implementada, no intuito de gerar conhecimento e permitir o desdobramento de novos trabalhos. Há uma necessidade de se lançar algumas luzes sobre as formas de promoção da qualidade na Educação Infantil, onde são sempre bem vindas iniciativas que valorizem o apoio às famílias das crianças atendidas, fortalecendo cada vez mais, o desenvolvimento das relações famíliacreche.

Vale ressaltar aqui as considerações de Thin (2006, p. 213), que, ao propor uma análise das relações entre famílias populares e escola, chama a atenção para o cuidado que o pesquisador deve ter quanto a uma análise dessa natureza que

[...] requer que se abandone a visão dominante que caracteriza essas famílias pela incoerência, pela negligência, pela "anormalidade", e que



se considere que as práticas e as maneiras de fazer dos pais não são totalmente incoerentes, que elas têm sua própria lógica, ou melhor, que elas não parecem incoerentes senão quando confrontadas com as normas da escola e, de modo mais amplo, com as normas dominantes da vida social.

O presente trabalho procurou identificar as concepções e rotinas dos pais, bem como seu perfil, quanto ao nível sócio econômico e a composição familiar, buscando ainda esclarecer como acontecem as relações família-creche e as atividades relacionadas ao brincar infantil, em duas instituições: uma comunitária, que atende crianças carentes de um bairro periférico em Uberlândia (MG) e outra municipal, que atende também a uma população de periferia, em Uberaba (MG). Essas duas creches já haviam sido objeto de estudo de caso, em um projeto maior sobre a qualidade na Educação Infantil. A creche comunitária no Triângulo Mineiro possui características que a situa entre as públicas e as particulares: as famílias pagam uma pequena mensalidade, seus professores são pagos pela Prefeitura Municipal, mas recebe auxílio para as demais despesas de uma instituição filantrópica, que a tem sob a sua responsabilidade, embora seja regida por normas da Secretaria Municipal de Educação.

OS ENCONTROS COM AS FAMÍLIAS

Informantes

Foram entrevistadas em suas residências 55 famílias de duas creches, uma pública e comunitária e outra municipal, freqüentadas por crianças provenientes de famílias de baixa renda, uma vez que estão situadas em bairros periféricos de duas cidades do interior de Minas Gerais (Uberlândia e Uberaba). Das famílias sorteadas, 30 foram entrevistadas em Uberlândia e 25 em Uberaba. Esse número correspondeu a cerca de 40% das famílias de crianças, com idades de 3 a 5 anos. Essa porcentagem e a faixa etária foram definidas em função do projeto mais amplo, em vista também de serem entrevistas residenciais, que poderiam resguardar o informante de serem identificados

no ambiente da instituição. Outros pesquisadores têm realizado a entrevista na residência dos informantes e embora acarrete maior gasto de tempo e energia, permite conhecer melhor as condições de vida das famílias entrevistadas (CAMPOS e PORTES, 2007).

Entrevistas

Para o registro das informações sobre essas famílias, foi utilizada uma entrevista semi-estruturada. Para facilitar o agrupamento e análise das informações obtidas, a estruturação do roteiro da entrevista foi didaticamente dividida em três partes, sendo estas:

-dados de identificação e perfil sócio-econômico: condição de habitação, renda familiar, profissão e escolaridade;

-dados da dinâmica familiar no cotidiano extra-creche: atividades das crianças após a chegada da creche; atividades realizadas nos finais de semana; pessoas preferidas das crianças em suas brincadeiras; pessoas preferidas das crianças em outras atividades; tipo de brincadeira.

-dados sobre a relação da família com a creche: motivo de escolha da creche; atividades que as famílias mais gostam na creche; melhorias a serem realizadas na creche; expectativas dos pais pelo que a creche pode oferecer como positivo para o futuro de seus filhos; participação dos pais nas atividades da creche; atividades de que as famílias gostariam de participar na creche e estruturação de uma creche ideal na visão dos pais.

Procedimentos para o registro das respostas

Após apresentação da proposta à direção da creche, que deu o seu aceite em participar, por escrito, foi realizada uma reunião com todos os pais da instituição, visando sensibilizá-los para o envolvimento no projeto a ser executado. Na ocasião, os



professores também estavam presentes.

Em seguida, foi feito o sorteio para definição das famílias dos alunos que comporiam a amostra de pais. Após o sorteio, definiu-se a logística da coleta de dados, realizando um levantamento prévio (nome, endereço e telefone) das famílias a serem contatadas, para marcar o melhor horário para a entrevista domiciliar. Uma vez na casa da criança, era assinado um termo de consentimento pelo informante, antes do início da entrevista. A duração de cada uma foi em torno de 50 (cinquenta) minutos, acontecendo na sala das casas, quando havia, ou em algum cômodo de uso múltiplo (quarto e sala). O registro das respostas era manual, no momento mesmo das entrevistas. Ao término, eram anotadas observações gerais sobre o ambiente físico e as interações na família.

Conhecendo as famílias

As respostas dadas pelas 55 famílias entrevistadas, serão apresentadas, considerando três aspectos: identificação das famílias, contexto familiar e relação família-creche.

1. Identificação das famílias.

Creche de Uberaba

Os resultados revelam que 85% das famílias possuem residência própria, conferindo uma renda em torno de 2,5 salários mínimos por família.

Considerando a escolaridade, constatou-se que 70,5% dos pais e 85% das mães não conseguiram completar o ensino fundamental, e que 5% das mães e 23,4% dos pais iniciaram o ensino médio, sendo que alguns cursam o supletivo. Com relação à profissão, a maioria das mães é de empregadas domésticas, 50% e 30% cuidam da casa e não trabalham. Já 58% dos pais são profissionais autônomos (braçal, servente de pedreiro, pintores, eletricitista, dentre outros).

Creche de Uberlândia



Os resultados revelaram que 80% das famílias possuem residência própria, conferindo uma renda média de 3,5 salários mínimos por família.

Com relação à profissão, considerando as maiores frequências, 29,17% dos pais são profissionais liberais (autônomos, cabeleireiros, gesseiros, sapateiros, pintores, dentre outros); 57,15% das mães e 42,86% das avós são empregadas domésticas. Levando em consideração a escolaridade, constatou-se que 41,67% dos pais, 13,8% das mães cursaram as séries iniciais do ensino fundamental e 12,5% dos pais e 24,14% possuem ensino médio completo. Vale ressaltar que destes pais nenhum possui curso superior e dentre as mães apenas uma o está cursando.

2. Contexto familiar:

Creche de Uberaba

Em relação à chegada da criança da creche, segundo a família, todas vão brincar, algumas brincam na rua, e outras ficam em casa. As mães disseram que o melhor momento, em que podem brincar e conversar com os filhos é no horário da chegada da creche, quando elas não têm serviço de casa para fazer, e depois do jantar, quando colocam a criança na cama, e também nos fins de semana, onde a maior parte das famílias sai para passear.

Os resultados revelam que a maioria das crianças ajuda em outras atividades em casa, como, por exemplo, lavar as louças, arrumar a cama e varrer o chão, inclusive os meninos.

Quando foi perguntado se a criança gostava de frequentar a creche, 60% dos informantes disseram que sim, relatando que algumas vezes a criança reclamava das educadoras e de brigas com outras crianças.

Creche de Uberlândia

Os itens de maior e menor frequência, em cada questão, foram respectivamente: 22,5% dos pais responderam que ao chegarem da creche as crianças se envolvem em



brincadeiras como: bonecos de super-heróis, bonecas, carrinhos, andar de bicicleta, gritar e dançar; 20% se alimentam, contrastando com a minoria (5%) que transforma a casa em um ambiente agitado; somente 11,11% das famílias afirmaram que seus filhos preferem brincar com parentes; 33,33% das famílias alegaram que seus filhos gostam de brincar com os irmãos; 30,56% sozinhos e apenas 27,78% dos pais responderam que seus filhos gostam de brincar com eles; 35,14% dos pais disseram que a brincadeira preferida dos filhos é boneca, carrinho e jogar futebol; 16,22% imitar ações de uma família (casinha), contrastando com 5,4% que alegaram que seus filhos gostam de desenhar e brincar de pique-esconde.

Entre os 10% dos pais que responderam que seus filhos não gostam de ir à creche, 66,67% afirmaram ser o motivo seus filhos terem que acordar cedo; já entre os pais que afirmaram que seus filhos gostam de ir à creche (90%), 37,04% afirmaram que os filhos nunca se queixaram de nada e somente 22,22% destes pais revelaram que os filhos gostam de ir à creche, mas se queixaram de brigas com os colegas.

3. Relação família-creche

Creche de Uberaba

Em 65% das famílias foi dito que escolheram a instituição infantil por morarem perto, sendo mais viável financeiramente e por terem a necessidade de trabalhar.

Dentre as famílias entrevistadas, 30% disseram que o filhos estão na instituição há aproximadamente 3 anos, e 40% disseram que a criança frequenta a creche desde o primeiro ano de vida.

Quando foi perguntado sobre o de que mais os pais gostavam na creche 55,5% responderam que era o cuidado e a atenção que a creche oferecia, bem como alimentação e educação, 16,6% disseram gostar de tudo na creche, principalmente da limpeza e segurança que a creche proporcionava às crianças.

Na opinião de 21,7% das famílias entrevistadas, a creche não precisa melhorar,



Mestrado em Educação
Revista Profissão Docente

UNIUBE – Universidade de Uberaba
ISSN:1519-0919

www.uniube.br/propep/mestrado/revista/



UNIUBE
Educação e Responsabilidade Social

já 21,7% disseram que poderia melhorar a estrutura da creche, fazendo mais salas, reformando o parquinho e a quadra, 17,3% reclamaram sobre ser obrigatório vender as rifas e os almoços que a creche oferece, reclamaram ainda do horário de entrada da creche e do tratamento de algumas educadoras.

Em 52,6% das respostas, os pais disseram que esperam que a creche ofereça um bom aprendizado para a criança, fazendo com que elas se tornem boas pessoas no futuro; 42,1% esperam que a creche cuide bem das crianças enquanto os pais estão trabalhando, oferecendo alimentação e higiene, dando bons exemplos para as crianças; 10,5% não opinaram.

Todas as famílias disseram participar das reuniões, algumas relataram que gostariam de participar mais das atividades desenvolvidas pelos filhos, se isso não prejudicasse o seu horário de trabalho, outras acreditam que já participam bastante.

Para 47,6% das famílias a creche deveria ter boas educadoras, que tivessem uma boa formação e sensibilidade para oferecer uma maior atenção às dificuldades das crianças, estimulando-as; 19% disseram que as atividades desenvolvidas na creche deveriam ser mais direcionadas à aprendizagem e 14% ressaltaram a importância de uma melhor organização dentro da creche, tanto em relação à mistura de crianças maiores e menores, quanto à estrutura física oferecida.

Creche de Uberlândia

Os itens de maior e menor frequência, em cada questão, foram respectivamente: 25,54% das famílias escolheram a creche devido às boas referências; 14,89% por esta ser a melhor creche existente nas proximidades; contrastando com 8,51% que a escolheu devido a necessidade de trabalhar; 44,68% das famílias gostam do tratamento oferecido às crianças; 23,41% da atenção das educadoras e somente 6,38% responderam gostar mais da alimentação; 27,78% das famílias não acham necessárias melhorias. Entretanto, 8,33% das famílias ressaltaram achar importante melhorar o número de



Mestrado em Educação
Revista Profissão Docente

UNIUBE – Universidade de Uberaba
ISSN:1519-0919

www.uniube.br/propep/mestrado/revista/



UNIUBE
Educação e Responsabilidade Social

vagas e o espaço físico e 5,56% redução no preço da mensalidade; 57,5% das famílias esperam que a creche possa melhorar a formação escolar de seus filhos; 40% a socialização e 2,50% não opinaram; 96,7% das famílias participam das reuniões proporcionadas pela creche e somente 3,33% não participam regularmente; 27,03% participariam de qualquer atividade oferecida pela creche; 24,32% auxiliariam as educadoras e 10,81% ajudariam na administração da instituição; 20,48% dos pais acham necessário um espaço físico amplo; 18,07% consideram que uma creche ideal deve ter brinquedos e livros educativos e salientam a necessidade de professores capacitados e 6,03% vêem a necessidade da separação das crianças por idade.

ALGUMAS REFLEXÕES

Olhando para essa realidade, pode-se fazer algumas considerações a respeito do perfil, identificação, dinâmica familiar no cotidiano extra-creche e a relação da família com a creche.

Quanto ao perfil, os dados demonstraram que os pais e as mães possuem baixa escolaridade, o que pode estar correlacionado com os baixos níveis de renda, uma vez que estes se empregam em trabalhos que exigem pouca escolaridade e, conseqüentemente, menor qualificação. Pode-se notar, também, que a maioria das famílias possui residência própria, porém, estas são pequenas e inacabadas. As que não as possuem, recebem menores salários, apesar de serem compostas pelo mesmo número de trabalhadores.

No que diz respeito à dinâmica da relação familiar no cotidiano extra-creche, pôde-se perceber que a maioria dos pais não realiza atividades que envolvam a aproximação com seus filhos. Isso fica comprovado pelo fato de os pais não estarem dispostos a dialogarem com seus filhos, pelo menos utilizando perguntas do tipo: Como foi o seu dia na creche? O que você aprendeu hoje? Houve poucas exceções, nesse particular, entre as famílias de Uberaba. A ênfase dada pelos pais em suas respostas foi



Mestrado em Educação
Revista Profissão Docente

UNIUBE – Universidade de Uberaba
ISSN:1519-0919

www.uniube.br/propep/mestrado/revista/



UNIUBE
Educação e Responsabilidade Social

com respeito ao cuidado com os filhos, ou seja, disseram que estes após chegarem da creche tomam banho, brincam com os irmãos, lancham e dormem.

Um dos possíveis fatores a contribuir para essa falta de diálogo deve ser a pesada carga de trabalho da maioria dos pais. Estes chegam à casa cansados e não têm tempo para conversar com seus filhos, preferindo ver televisão. Alguns pesquisadores destacam o quanto se faz importante a conversa, a afetividade para um bom convívio familiar. Dentre eles pode-se citar Mielnik, o qual, em 1974, já destacava que a função da família seria preparar o indivíduo para entregá-lo à sociedade. E nesse preparar, primeiro o indivíduo tem que se sentir pertencente ao seu grupo familiar para depois se sentir “indivíduo”. Assim entende-se que a família possui um lado “interno” voltado para o indivíduo e um “externo” voltado para a sociedade, ou seja, supre as necessidades de alimentação e amor de seus membros, ajuda-os a interiorizar valores e prepara cada um para ocupar um lugar no meio social, liberando-os como seres autônomos e individualizados, para então recriar novas imagens de si mesmos. A esse respeito, Thin (2006) faz uma análise sobre as lógicas socializadoras das famílias populares e da escola, mostrando que elas se opõem em vários aspectos: no modo de autoridade, de comunicação, na relação com o tempo e outros, que mereceriam ser discutidos em programas de formação de professores, com o objetivo de que fossem mais bem planejadas as possibilidades de parceria família-creche.

Quanto à rotina da família nos finais de semana, notou-se que a maioria dos pais fica em casa, fato este que se deve principalmente à distância de suas casas dos locais de lazer e das condições financeiras. Além disso, são poucos os pais que se envolvem em atividades pedagógicas com os seus filhos. Portanto, estas famílias, durante os fins de semana, ficam em casa assistindo televisão, as mães se engajam em afazeres domésticos, os filhos brincam e os passeios a que os pais se referiram nas respostas são à casa de parentes, os quais moram próximos de suas residências. Isso denota um



envolvimento da família no que diz respeito ao fato de estarem juntos, porém parece haver uma falta de interação com os filhos. É importante ampliar o diálogo da família sobre questões emocionais, como forma de prevenção de problemas futuros, uma vez que investigações sobre crianças encaminhadas para atendimento com queixas escolares, indicaram que as mesmas recebem menos suporte emocional dos pais e no acompanhamento escolar (D'Avila-Bacarji, Marturano & Elias, 2005).

Contudo, entre os pais das crianças das creches, há uma atenção principalmente à questão física de seus filhos, preocupando-se para que estes não corram riscos, estando nas ruas. Em Uberaba, o maior índice foi brincar com vizinhos e irmãos, indicando que a cidade ainda mantém uma tradição de brincar na rua, sem essa preocupação tão grande com a segurança das crianças. Em segundo lugar, assistem televisão. Quando brincam, preferem brincar com brinquedos industrializados.

Um fator interessante, ainda, no que se refere ao contexto familiar, foi que os pais, em sua grande parte, quando questionados a respeito de seus filhos gostarem ou não de ir à creche e se estes se queixam de algo, responderam que os mesmos gostam de ir e não fazem nenhuma reclamação. Contudo, em Uberaba, as brigas com outras crianças e discussões com a professora, referidas como motivos de queixas, sinalizam uma creche em que as relações pessoais são difíceis, o que encontra apoio em pesquisa anterior, nessa mesma creche, quando se observou que as professoras apresentam um estilo mediacional, caracterizado por um baixo nível de empenho das mesmas no trabalho pedagógico com as crianças (Maimone & Tomás, 2005).

A respeito da relação família-creche notou-se que houve divergências entre as opiniões das famílias, visto que, ao serem questionadas a respeito das melhorias a serem realizadas na creche, a maioria dos pais não as considerou necessárias. Já na questão de como seria uma “creche ideal” as famílias responderam, salientando um modelo de creche diferente da pesquisada. Apontaram a necessidade de professoras bem formadas



Mestrado em Educação
Revista Profissão Docente

UNIUBE – Universidade de Uberaba
ISSN:1519-0919

www.uniube.br/propep/mestrado/revista/



UNIUBE
Educação e Responsabilidade Social

e uma melhor qualidade da educação oferecida, tanto em Uberaba, quanto em Uberlândia. Um espaço físico mais adequado foi referido em Uberaba. Isso deixa claro que essas famílias entrevistadas preocupam-se com a vida escolar de seus filhos, contrariando o preconceito de que famílias de nível social baixo são descuidadas a esse respeito (SILVA, 2006).

Todos os pais disseram participar das reuniões e eventos promovidos pela creche, e consideram que a mesma seja um lugar, freqüentemente o único, onde podem deixar seus filhos para irem trabalhar, confiando à creche os cuidados com a criança, principalmente quanto à higiene e alimentação. Contudo, queixaram-se do tipo de reunião que é feita, só para fins administrativos, sem darem conhecimento aos pais sobre o desenvolvimento dos filhos.

Segundo Oliveira et ali. (2000), ao colocar o filho numa creche, a mãe experimenta sentimentos contraditórios de culpa e alívio. Assim os autores explicam:

Grande parte das recomendações, reclamações e comentários das mães em relação aos cuidados de seus filhos na creche expressam estes sentimentos, principalmente por estarem dividindo com outras pessoas as “suas responsabilidades de mãe”. Também não deixam de ser uma maneira de algumas mães resistirem a esta divisão de responsabilidade (114-115).

Essa observação corrobora as afirmações de Szymanski (1994; 2001), de que muitas vezes os pais estão preocupados somente com seus filhos e, portanto, não se engajam num projeto coletivo com a creche, visando uma melhoria do ensino e das relações da escola com a comunidade.

O não envolvimento dos pais com a creche, em relação à construção de um projeto pedagógico conjunto, pode ter uma dupla interpretação: falta de qualificação dos educadores e dirigentes para obterem tal participação, assim como a falta de conhecimento dos pais sobre a importância de sua colaboração para a qualidade do ensino na Educação Infantil. Thin (2006) fala também em “desqualificação social dos

pais”, ocasionada por condições de existência degradadas: “A ocorrência dessas situações cria outras situações que fragilizam o modo de autoridade das famílias populares e aprofundam o fosso existente entre essas últimas e a instituição escolar” (p. 219).

Os dados obtidos, portanto, mostram o quanto está confuso para os pais definirem seus papéis na formação da criança e de suas inserções na melhoria da qualidade do ensino na creche, revelando então, a necessidade de desenvolver ações educativas, junto às famílias, possibilitando, assim, práticas que levem à conscientização, tanto dos pais, como dos educadores e equipe administrativa, sobre os papéis de cada um na formação das crianças, na construção da parceria família-creche, buscando a melhoria da aprendizagem infantil e o conseqüente desenvolvimento das crianças .

É necessário que tanto os pais quanto a creche encontrem-se no chamado modelo simbiossinérgico (valorização da interdependência, reciprocidade e co-gestão do poder da escola e da família) no qual as instituições respeitem-se, partilhem responsabilidades cotidianas, desenvolvam uma consciência social, troquem experiências, emoções, sentimentos e reconheçam seus próprios erros. (BOUCHARD, 1998).

Na sociedade brasileira, como resultado das transformações econômicas e ideológicas tem aumentado muito a demanda por creche em todas as classes sociais. E, felizmente está se chegando a um consenso de que a creche, atualmente, seja considerada um lugar onde se possa desenvolver um trabalho educativo, junto às crianças e de compartilhá-lo com a família.

Percebe-se também, da mesma forma que para Gola (2001), que muitas vezes as famílias delegam todas as atribuições do desenvolvimento e da educação à escola, e, se não houver um campo de trabalho bem definido, o que se verifica é um excesso de



funções passadas à escola. O sistema educacional vem sendo constantemente reformulado, tendo em vista acompanhar e incorporar as novas informações e reflexões sobre o desenvolvimento infantil.

Finalizando, deve-se fazer uma referência ao brincar infantil. Em pesquisa anterior (MAIMONI, 2003), observou-se que as concepções sobre o brincar, tanto de professores como de pais, se restringem a atividades de lazer, não considerando que a criança possa aprender brincando. Professores se referiram a que pais acreditam que, se a creche favorece o brincar das crianças, não está ministrando o ensino que esperam dessa instituição para seus filhos. Na presente pesquisa, o brincar ficou mais identificado com a utilização do brinquedo industrializado, tanto em casa como na creche, sendo que os pais solicitam maior aquisição dos mesmos pela creche. Esse aspecto precisa de ser mais bem equacionado em programas que visem a uma melhor qualidade da Educação Infantil, no que diz respeito ao tempo e espaço reservado nas creches ao brincar. Com a escola de nove anos, instituída em Minas Gerais, pode ter aumentado a preocupação com as atividades de leitura e escrita, portanto, com atividades escolares, que fogem ao modelo de instituição de Educação Infantil, restringindo o tempo e o espaço para a atividade principal da criança pequena, que é o brincar. Dessa forma, dados de pesquisa anterior (MAIMONI, 2003), realizada nessa mesma instituição, sobre o envolvimento da criança em experiências de aprendizagem, programadas pela creche, mostraram que a criança, nessa faixa etária, envolve-se menos com atividades de lápis e papel em sala de aula, do que com atividades de brincar ao ar livre, indicando claramente que o brincar atende a uma necessidade infantil.

Essas constatações, além do que os pais verbalizaram nesta pesquisa, possibilitam um planejamento de estratégias que objetivem maior participação dos pais na creche, quando o brincar possa ser mais bem compreendido, não se exigindo que o professor da criança pequena ofereça-lhe experiências de aprendizagem, que não



Mestrado em Educação
Revista Profissão Docente

UNIUBE – Universidade de Uberaba
ISSN:1519-0919

www.uniube.br/propep/mestrado/revista/



correspondam às suas necessidades. Na fase de melhoramento da qualidade do projeto maior, do qual esta pesquisa é uma parte apenas, tais estratégias puderam ser contempladas.

REFERÊNCIAS

- ARIÉS, P. *História social da criança e da família*. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.
- BOUCHARD, J. M. De l'institution a la communauté: les parents et les professionnels-une relation qui se construit. In: DURNING, P. *Éducation familiale*. Vigneux: Matrice,1988.
- BRONFENBRENNER, Urie. *A ecologia do desenvolvimento humano: experimentos naturais planejados*. Porto Alegre: Artes Médicas,1996.
- CAMPOS, A.R. e PORTES, E.A. **O perfil sócio-cultural de famílias rurais com filhos em idade escolar: o caso do povoado de Goiabeiras, São João Del-Rei /MG. Anais**. IV Encontro de Pesquisas em Educação, Uberaba, 153-162, 2007.
- CARVALHO, M.E.P. Modos de Educação, Gênero e Relações Escola-Família. **Cadernos de Pesquisa** Fundação Carlos Chagas, Editora Autores Associados. V 34, n° 121, jan/abr, 2004.
- FARIA, A. L. G. e PALHARES, M. S. et al. *Educação Infantil Pós-LDB: Rumos e Desafios*. Campinas, SP: autores Associados-FE/ Unicamp; São Carlos, SP: editora da UFSCAR; Florianópolis, SC: editora da UFSC (Coleção Polêmica do Nosso Tempo),1999.
- FORMOSINHO, J. O; et al. *Modelos Curriculares para a Educação de Infância*. Portugal: Porto Editora, 1996.
- FOUCAULT, M. *As Palavras e as Coisas*. Petrópolis: Vozes, 1972.
- GHEDINI, P. O. Entre a experiência e os novos projetos: a situação da creche da Itália. Em: ROSEMBERG, F; CAMPOS, M. M. (ORG) *Creches e pré-escolas no Hemisfério*
RPD – Revista Profissão Docente, Uberaba, v.7, n. 16, p 62--90 , ago/dez. 2007 – ISSN 1519-0919



Mestrado em Educação
Revista Profissão Docente

UNIUBE – Universidade de Uberaba

ISSN:1519-0919

www.uniube.br/propep/mestrado/revista/



UNIUBE
Educação e Responsabilidade Social

Norte. São Paulo: Cortez: Fundação Carlos Chagas, 1994.

GOLA, M. de F. M. A criança, a escola e o processo de aprendizagem. Em: COMPARATO, M. C. e MONTEIRO, D. de S. F. *A criança na contemporaneidade e a psicanálise: família e sociedade: diálogos interdisciplinares*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2001.

GOMES, I. C. *O sintoma da criança e a dinâmica do casal*. São Paulo: Escuta, 1998.
KISHIMOTO, T.M. Concepções e práticas sobre formação em contexto: na busca de uma educação de qualidade. Em: JOLY, M.C.R.A. e VECTORE, C. *Questões de pesquisa e práticas em Psicologia Escolar*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2006.

KUHLMANN JUNIOR, M. *Infância e Educação Infantil: uma abordagem histórica*. Porto Alegre: Mediação, 1998.

LEONTIEV, A.N. Os princípios psicológicos da brincadeira pré-escolar. Em VIGOTSKII, L. S.; LURIA, A. R.; LEONTIEV, A. N. *Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem*. São Paulo: Ícone: Editora da Universidade de São Paulo. 1998.

LORDELO, E. R. Agora vá com a tia que a mamãe vem mais tarde: creche como contexto brasileiro de desenvolvimento. In: LORDELO, E. R.; CARVALHO, A. M. A. e KOLLER, S.H. (ORG). *Infância brasileira e contextos de desenvolvimento*. Salvador: Editora da Universidade Federal da Bahia, 2002.

MAIMONI, E.H. e BORTONE, M.E. **Colaboração família-escola: estudos sobre a contribuição de pais em processos de aquisição de leitura e escrita**. Em: GOMES, V.R.D. e OLIVEIRA, S.F.de *A Escola e a família*. Taubaté (S.P.), 2003.

MAIMONI, E.H. Formando professores para la educación infantil. Em: ALVARADO PRADA, Luis E. *Formación de profesores em América Latina: diversos contextos sociopolíticos*. Bogotá: Antropos. 2003.

MAIMONE, E.H. e TOMÁS, D.N. Observação do educador infantil pela escala de empenho do adulto. *Psicologia Escolar e Educacional*, v.9, n.2, jul-dez, p. 269-278, 2005.



Mestrado em Educação
Revista Profissão Docente

UNIUBE – Universidade de Uberaba

ISSN:1519-0919

www.uniube.br/propep/mestrado/revista/



UNIUBE
Educação e Responsabilidade Social

MARÇAL, V.P.B. e SILVA, S.M.C. da A queixa escolar nos ambulatórios públicos de saúde mental: práticas e concepções. *Psicologia Escolar e Educacional*, v. 10, n. 1, jan.-jun, p. 121-131, 2006.

MARTURANO, E.M. **A criança, o insucesso escolar precoce e a família: condições de resiliência e vulnerabilidade.** *Estudos em Saúde Mental*, Ribeirão Preto: Comissão de pós-graduação em Saúde Mental da FMRP/USP, 132-149, 1997.

MERISSE, A. **Origens das Instituições de atendimento à criança pequena: a caso das creches.** In : MERISSE, A; JUSTO, J. S. et al. *Lugares da Infância: reflexões sobre a história da criança na fábrica, creche e orfanato.* São Paulo: Arte 7 Ciência, 1997.

MIELNIK, I. **Problemas de pais e mestres: relações humanas no lar e na escola.** 2º ed. São Paulo: Edart, 1974.

MINUCHIN, S. **A Cura da Família.** Porto Alegre: Artes Médicas, 1993.

NASCIMENTO, M. E. P. **Os profissionais da Educação Infantil e a Nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional.** In: FARIA, A. L. G. e PALHARES, M. S. et al. *Educação Infantil Pós-LDB: Rumos e Desafios.* Campinas, SP: autores Associados-FE/ Unicamp; São Carlos, SP: editora da UFSCAR; Florianópolis, SC: editora da UFSC (Coleção polêmica do nosso tempo), 1999.

OLIVEIRA, Z. R. de. **Educação infantil: fundamentos e métodos.** São Paulo: Cortez, 2002.

POLITY, E. **Dificuldades de Aprendizagem e Família: construindo novas narrativas.** 1º ed. São Paulo: Vetor, 2001.

POLONIA, A. da C. & DESSEN, M.A. **Em busca de uma compreensão das relações entre família e escola.** . *Psicologia Escolar e Educacional*, v.9, n.2, jul-dez.,p. 303-312, 2005.

REDIN, E. **O espaço e o Tempo da Criança.** *Cadernos de Educação infantil.* V.6. Porto Alegre: Mediação, 1998.



Mestrado em Educação
Revista Profissão Docente

UNIUBE – Universidade de Uberaba

ISSN:1519-0919

www.uniube.br/propep/mestrado/revista/



UNIUBE
Educação e Responsabilidade Social

SZYMANSKI, H. **A relação família/ escola: desafios e perspectivas.** Brasília: Plano, 2001.

SZYMANSKI, H. **Educação para a família: uma proposta de trabalho preventivo.** *Revista Brasileira de Crescimento e Desenvolvimento Humano.* São Paulo, v.4, n.1, p. 34-39, 1994.

THIN, D. **Para uma análise das relações entre famílias populares e escola: confrontação entre lógicas socializadoras.** *Revista Brasileira de Educação,* v.11, n.32, maio/ago, p. 211-225, 2006.

WALLON, H. **As etapas da personalidade na criança.** In: WALLON, H. *Objetivos e métodos da psicologia.* Trad: Franco de Souza. Lisboa: Editorial Estampa. [Originalmente publicado em 1956], 1975 a.

WALLON, H. **As etapas da sociabilidade na criança.** In: WALLON, H. *psicologia e educação da infância.* Trad: Franco de Souza. Lisboa: Editorial Estampa. [Originalmente publicado em 1956], 1975 b.

ZABALZA, M. A. **Qualidade em educação infantil.** trad: Beatriz Affonso Neves. Porto Alegre: ArtMed, 1998.

Débora Nogueira Tomás
Universidade de Uberaba

Fabiana Oliveira Guimarães
Universidade de Uberaba

Eulália Henriques Maimone

Possui graduação em Licenciatura em Psicologia pela Universidade de São Paulo (1968), graduação em Psicologia pela Universidade de São Paulo (1969), mestrado em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano pela Universidade de São Paulo (1977) e doutorado em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano pela Universidade de São Paulo (1979). Foi



Mestrado em Educação
Revista Profissão Docente

UNIUBE – Universidade de Uberaba

ISSN:1519-0919

www.uniube.br/propep/mestrado/revista/



UNIUBE
Educação e Responsabilidade Social

professora do Curso de Psicologia da UNESP- Campus de Assis e professora do Mestrado em Educação da Universidade de Uberaba. É professora aposentada da Universidade Federal de Uberlândia. Foi presidente da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional(2004-2006). Atualmente é presidente da Sociedade de Psicologia do Triângulo Mineiro. É parecerista das revistas: Psicologia Escolar e Educacional, Revista da Sociedade de Psicologia do Triângulo Mineiro, Psicologia. Teoria e Pesquisa (0102-3772) e Revista de Ciências Humanas (Taubaté) (1415-742X).

Janaína Cassiano Silva

Graduação em Psicologia (Bacharelado, Licenciatura e Formação de Psicólogo) pela Universidade Federal de Uberlândia (2005). Mestre em Educação (2008) pela Unesp/Araraquara. Doutoranda em Educação, com bolsa Fapesp. Os principais temas de atuação são: psicologia da educação, educação infantil, psicologia histórico-cultural e formação de professores. Membro do Grupo de Estudos e Pesquisa História, Trabalho e Educação, coordenado pela Prof^a Dr^a Alessandra Arce e pelo Prof^o Dr^o Luiz Bezerra Neto, ambos do Departamento de Educação da Universidade Federal de São Carlos.

Lúcia Helena Mendonça Costa

Possui graduação em Formação de Psicólogo pela Universidade Federal de Uberlândia (1982), graduação em Licenciatura Em Psicologia pela Universidade Federal de Uberlândia (1981), mestrado em Psicologia pela Pontifícia Universidade Católica de Campinas (1992), doutorado em Educação (Psicologia da Educação) pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (1999) e pós doutorado pela FAFICH / USP-Rp (2006-2007). Atualmente é professor efetivo concursado, nível Associado II, Instituto de Psicologia, Universidade Federal de Uberlândia. Tem experiência na área de Psicologia, com ênfase em Psicologia do Ensino e da Aprendizagem, atuando principalmente nos seguintes temas: henri wallon, educação infantil, formação de educadores, psicologia escolar e interações infantis.